

A rainha Helena de Italia (Glicéas Abernazar).

2.^a série — N.º 486

Lisboa, 14 de Junho de 1915

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Dirrêtor: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAHHA

Trimestre.....	1820	ctv.
Semestre.....	2840	"
Ano.....	4880	"

Numero avulso, 10 centavos

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris,
 Rue des Capucines, 8

Redação, administração, officina de composição e impressão
 RUA DO SÉCULO, 43

REMINGTON UMC
Cartuchos Para Espingardas



Com que qualidade de cartuchos está Va. Sa. atirando esta temporada.

Va. Sa. notará que todo o interesse dos caçadores e comerciantes concentra-se em Remington-UMC como os cartuchos do dia. Va. Sa. necessitará cartuchos Arrow pólvora sem fumo, Nitro Club pólvora sem fumo prego médio, Remillion prego baixo e New-Club pólvora preta, na sua próxima caçada.

Isso é se Va. Sa. deseja exactidão. Acham-se á venda nas principais casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
 229 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil: **LEE & VILLELA**
 Caixa Postal 420, São Paulo

No Territorio do Amazonas: **OTTO KUHLEN**
 Caixa Postal 20A, Manaus

Agos e em Fotografia: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, s. Lisboa

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percalline de fantasia para encadernar o segundo semestre de 1914 da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, no mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do co reio ou ordens postaes, cada capa vem acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43—LISBOA

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
 SOLOSA
 SORTIMENTO
 Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
 LISBOA

Aizella
 O MELHOR SABONETE

Lêr na quinta-feira proxima o

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Companhia do Papel do Prado

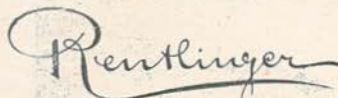
Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	300.000\$000
Obrigações.....	300.000\$000
Fundos de reserva e amortisação.....	100.000\$000
Total.....	700.000\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianalia e Sozeirinho (Tonar), Penado e Casal d'Iermio (Lousã), Vale-Maior (Albercaria-a-Velha). Instiadas para uma produção annual de seis milhoes de kilos de papel e dispoão dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — **Escritórios e depositos:** 77, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSO MANOEL 31, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** Numero telefonico: LISBOA, 65—PORTO, 117.

FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Trabalhos de Zincogravura,
 Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
 Composição

Stereotipia

De toda a especie de
 composição

Composição

e impressão

De revistas, illustrações
 e jornaes diarios
 da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
 OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços módicos e com inexecidivel perfeição

Zincogravura e fotogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nicklado

Em cobre.

A cores, pelo mais recente processo — o de tricromia

Para jornaes, com temas especies para este genero de trabalho

OFICINAS DA

Ilustração

Portugueza

RUA DO SEculo, 43

Eleições

Quando esta Cronica fôr publicada, já devem ter-se realisado em todo o paiz as eleições geraes para deputados e senadores. Qualquer que venha a ser o resultado d'essas eleições,—ele representará a expressão integral da vontade da nação? A grande maioria dos individuos na plena posse dos seus direitos politicos, não se recenseia; uma grande parte dos recenseados, não vota. Os eleitores constituem uma reduzida minoria no

meio da grande massa sonolenta da nação. Foi assim na monarchia; é assim na republica. A educação civica do portuguez não chega a ser rudimentar; a inconsciencia da sua quota-parte de responsabilidade na vida do Estado é absoluta. Não sei de paiz onde se proteste com mais veemencia contra o poder pessoal; e, entretanto, não ha paiz onde se encare com mais apatia e com mais indifferença o exercicio e o cumprimento dos direitos e dos deveres politicos. Ninguem quer ditaduras: mas toda a gente, pelo seu abstencionismo, contribue inconscientemente para elas.

Espanha imperial

Depois do sr. Sajalerva, o sr. Gay; depois do sr. Gay, o sr. Vasquez Mella. A propaganda do irredentismo hespanhol continúa, intensa e metódica, na afirmação de que as fronteiras portuguezas são artificiaes; de que a verdadeira Hespanha se estende dos Pyreneus ao Atlantico; de que os dois estados peninsulares tem de constituir um só bloco imperial com uma só politica exterior. Ha para esse imperialismo duas fórmulas extre-



mas: a anexação violenta de Portugal (Gay); a modificação, em proveito do bloco ibérico, da politica exterior de Portugal (Mella). A primeira, devem todos os portuguezes repellir-a com dignidade; a segunda, devem todos os portuguezes dis-

cutil-a com moderação. Ambas tendem, não deliberadamente, a combater Portugal,—mas a combater, em Portugal, a politica da Inglaterra.

Santo Antonio

Durante alguns séculos, Portugal inteiro prestou o seu culto imemorial a um portuguez, que foi dos maiores oradores da primeira Renascença: Santo Antonio de Lisboa. Ha cinco anos, esse culto oficial passou a ser prestado a outro portuguez, que foi dos maiores poetas da grande Renascença: Camões. O povo aceitou indifferentemente essa substituição de icónes—o icône religioso do século XII pelo icône laico do século XVI—e continuou a fazer a sua festa tradicional, a sapatear bailados e a zangarrear na viola, perpetuando a romaria sem se im-



portar com o orago. Quer isto dizer que Portugal não tem o culto das suas figuras nacionaes? Não. Quer dizer apenas que as não conhece. O povo portuguez nunca soube ao certo quem era Santo Antonio, e, a exemplo dos homens cultos do paiz,—nunca leu os «Luziadas».

S. Luiz Braga

O Teatro da Republica, devorado ha mezes por um incendio, está em reconstrução. Em breve será collocada a armadura de ferro no teto,—e, dentro de pouco tempo, sumptuosa no seu ouro e nas suas pinturas, a nowa sala surgirá. Todos nós sabiamos que S. Luiz Braga era um espirito gentilissimo e um admiravel organisador de teatro. Hoje, sabemos que o illustre empresário é alguma coisa mais: o «lutador glorioso e obstinado» de que nos fala Hauptmann, o homem para quem, na adversidade, existe o germen de novas energias e de nova fé. S. Luiz de Braga pertence a uma rara categoria de homens, cuja estatura aumenta quando um desastre os atinge.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



O intruso

D'um acanhado subterrâneo de Liège, divertículo das galerias que das minas de hulha, estratificada sob uma grande parte do território da Belgica, se estendem por debaixo da cidade, duas mulheres de mãos dadas, sentadas sobre um montão de ervas secas, soluçavam atormentadas por uma grande aflição.

De espaço a espaço a mais nova, vinte anos aproximadamente, apoiada a cabeça contra o peito da outra com um gemido abafado, estorcia-se sob a violência d'um sofrimento horrível que a deixava extenuada.

E quando, a pouco e pouco, recobrava forças, era para se lastimar amargamente n'uma resignação forçada vertendo copioso pranto que só se estancava quando a dôr física lhe secava as lagrimas nas faces emagrecidas pelas privações e pela desdita.

Exclamava então, passado o paroxismo de intolerável tormenta a um doer gravativo, as continuas lamentações dos seus males, apertando convulsivamente as mãos da companheira.

— Que infelicidade, minha mãe, que infelicidade a minha!

E que infelicidade, realmente, a de Alice de Langres!

Ha pouco mais de oito mezes, Alice, pelos fins de julho, era a rapariga mais feliz do mundo inteiro.

Filha única, estremecida da mais carinhosa mãe que d'ela fizera todo o seu enlevo, muito amada de seu pae, austero varão de nunca desmentida firmeza mas dedicado e bondoso, idolatrado pelo noivo, moço, inteligente, são e trabalhador, correspondendo-lhe com equal afeto, Alice viria tudo sorrir-lhe na vida.

Armando Langres, espirito ponderado apesar da sua mocidade, reto nas suas contas, de vocação decidida para o commercio, inovador prático mas acaud, desenvolveu em poucos anos a casa comercial que herdara dos pais fazendo-a prosperar com transações habilmente encaminhadas.

Em circumstancias de poder criar familia, vira Alice, a interessante filha do administrador d'uma parte da região mineira, Ernesto Lamote, cativara-se d'ela e fôra bem acolhido pelos pais, que o conheciam e admiravam n'ele as suas qualidades superiores e grandeza de animo.

Combinou-se pela primavera que o casamento

se faria no dia dos anos de Alice, em principio de agosto.

E n'esses tres mezes que faltavam para se realisar o desejado enlace que se afigurava de tão bons auspicios, a vida correu risonha para Armando e Alice, movimentada pela vivaz alegria da mocidade, perfumada por todas as delicadezas de sentimento, idealisada pelo encantamento do idillio são de duas almas boas.

Viam-se muitas vezes ao dia. Falavam-se ás tardes em casa dos pais da noiva, que trabalhava junto da mãe no seu enxoval perto da varanda, onde floriam os nardos tardios, a madresilva e as ervilhas de cheiro, embalsamando o ambiente.

Emquanto a mãe de Alice costurava sem canção, pousava ela a costura para ouvir Armando falar-lhe dos mil nadas que servem de tema á conversa dos namorados, encantado no antegoso da felicidade domestica tal como ele a idealisava nas suas horas de devaneio, descaminho a que não logram esquivar-se mesmo os espiritos mais positivos.

Compreendendo-se e admirando-se reciprocamente, havia entre os dois a mais perfeita consonancia no sentir, a mais completa unidade nas idéas que se associavam sem discordancia no traçado dos seus planos de ventura.

Não havia pois em todo o mundo casal que divisasse o futuro atravez d'um prisma tão irrisado na hora em que a mão traiçoeira da adversidade veio soldar os élos da cadeia que os unia para a despedaçada de seguida brutalmente no mais inconcebível requinte de crueldade.

A 2 de agosto realiso-se o casamento em Visé, a pacifica cidade da Belgica situada na fronteira holandesa.

A 2 de agosto os alemães, tomadas rapidamente Limburgo e Verviers, batiam-se nas pontes do Mosa, onde encontravam porfiada resistencia na sua marcha sobre Liège, antes da qual encontrariam Visé; ai chegava a noticia assustadora das proclamações afixadas pelos invasores em Verviers, annunciando a anexação da cidade, á hora em que Alice saía da igreja pelo braço de Armando, envolvida no seu véu branco de noiva.

E desde logo ficaram separados, porque foram imediatamente chamados todos os homens validos para se opôr á arremetida dos alemães; e todos os civis marcharam para as pontes do Mosa a secundar a columna de infantaria belga que abriu fogo sobre o inimigo quando pela segunda vez tentava reconstruir a ponte cortada, tendo julgado pela rapidez das marchas poder tomal-a de surpresa.

Na luta feroz que precedeu a tomada de Visé e em que os civis se bateram com heroismo, Armando caiu gravemente ferido ao lado de Ernesto Lamote, que parecia invulneravel.

A pouco trecho os invasores vitoriosos invadiam Visé começando o morticínio na cidade conquistada e desenvolvendo-se o incendio que reventava em varios bairros devorando rapidamente grande numero de casas, entre as quaes a moradia onde ia fazer o seu ninho aquele casal tão amante, contiguo á casa paterna de Alice, que foi igualmente pasto das chamas.

Na tomada de Visé iniciaram-se as brutalidades dos invasores, exercendo-se toda a casta de violencias sobre os vencidos.

Os alemães matavam sem distincão os habitantes da cidade arruinada, cometendo atrocidades indescritiveis sobre homens e crianças, ultrajando as mulheres, no numero das quaes foi vitima a desditosa Alice de Langres, desposada de poucas horas, arrebatada dos braços da mãe, ambas desvairadas diante da casa em chamas, onde se reduzia a cinzas quanto possuíam.



Abandonada, exanime n'um pateo onde o abominavel crime foi perpetrado, Alice julgou-se louca quando as terriveis cenas d'esse dia memoravel principiarã a aclarar-se no seu espirito.

Correu então alucinada pelas ruas da cidade incendiada até junto da casa que tinha habitado com seus paes, diante da qual avistou uma mulher chorando, inclinada sobre os residuos inflamados e lançou-se-lhe nos braços, reconhecendo a mãe.

A pobre mulher procurava entre os restos da feliz habitação d'outrora encontrar algum dos objetos que tinha estimado, alguma joia que lhe tivesse pertencido, quando de subito lhe appareceu a filha.

Dominada pela maior amargura, Alice chorava a sua desdita increpando o céu e a terra no mais absoluto desvairamento e perguntando a cada instante:

— Que será de mim agora, mãe?

— Teu pae vai a caminho de Liège com toda a gente válida para reforçar ali a defeza. Suspeitou que me não afastaria d'aqui e conseguiu vir falar-

me. Disse-me que te procurasse por toda a parte e nos refugiássemos nas minas, onde deve suspender-se a exploração. Deu-me o dinheiro que tinha para vivermos até que pudesse ir ao nosso encontro. Deixou teu marido moribundo, confiado a uma bondosa familia dos arredores. Talvez se salve...

— Antes morra, minha mãe, e eu o chore a vida inteira, que ele me despreze quando souber a afronta que soufriu. Não quero tornar a vê-lo, não quero — soluçou a infeliz escondendo a cabeça no seio da mãe.

Passaram quatro mezes.

Em principio de dezembro as duas mulheres que se tinham escondido nas galerias das minas onde a industria hulheira interrompera a sua laboração, levavam uma existencia miseravel, obtendo com difficuldade os alimentos de que neces-

sitavam, minadas pelo desgosto da terrivel evidencia que o tempo e os sofrimentos de Alice se incumbiram de demonstrar.

O crime execravel de que a infeliz fôra vitima, tivera como consequencia uma gravidez. Alice gerara no seu ventre um inimigo, o filho de um opressor da sua patria, de um destruidor do seu lar, da bête abjeta que a violentara.

E ao horror que a si propria inspirava, juntava-se no animo de Alice um irresistivel enternecimento, um profundo sentimento de piedade pela criancinha que se gerara innocente do crime do seu infame progenitor.

Vagueavam as duas mulheres um dia pelas galerias desertas, quando avistaram ao longe dois homens que se aproximavam e que a principio não reconheceram.

Um presentimento subito poz em sobresalto o coração de Alice, que fixou os olhos desmedidamente abertos nos recémchegados, soltou um grito e caiu desmaiada, ao reconhecer o marido, que avançava a custo, amparado ao braço de seu pai.

Horas angustiosas as que se seguiram a este encontro, feita a triste revelação!

Ernesto Lamote, o pai de Alice, mostrava-se inflexível. A filha procuraria um medico que destruisse o fruto do crime.

—Um medico—afirmava ele n'uma deliberação formal—não se recusará a destruir uma excrescência maligna na carne de uma mulher sã. Bas-



ta-lhe para isso a aprovação da sua consciencia. Os tumores de má natureza envenenam os individuos em que se geram: extirpar-os é salvar a vida humana, é um dever. São conhecidas as reacções biológicas que o filho determina na mãe durante a gestação, transmitindo-lhe propriedades suas, intoxicando-lhe o organismo dos seus vícios de origem. Sabe-se que os filhos d'um segundo matrimonio muitas vezes se assemelham aos do primeiro em qualidades que estes possuíam e que passaram através das modalidades que a simbiose com o organismo materno lhe comunicou em modalidades persistentes. Não admito esse aviltamento. A minha filha nunca será o veículo de instintos perversos.

—Meu pae...

—Não quero observações. Demais, és uma mulher casada. Teu marido é um homem de bem. Dominada a legitima revolta do seu instinto, poderá esquecer a afronta e aceitar a mulher maculada, se não vir a cada instante um intruso no seu lar se não temer ver surgir nos seus proprios filhos os vícios d'esse intruso detestado, essa macula que vem destruir a unidade da familia e da raça, adulterando os produtos genuinos do seu sangue para os transformar n'um bando de malfeitores, de espíões, de algozes. Seria uma progenitura monstruosa. Ele não o admitiria, eu não o admito. Nunca terei por neto o filho d'um reptil imundo. Nem ha lei divina nem humana que condene o abortamento n'estas circunstancias. Essa criança não nascerá com vida. A esse horror prefiro ver-te morta—concluiu Ernesto Lamote na mais violenta exaltação.

Armando ouviu-o silencioso, respeitando a dôr do honrado velho.

Alice, quando este acabou de falar, disse humilde mas com firmeza:

—Meu pai prefere vêr a sua filha morta a vê-la amamentar esse intruso que ela traz no ventre. Pois bem: ninguem sabe onde eu estou, vista o meu luto, todos pôdem julgar que morri. Abandone-me ao meu triste destino. Quem perde mais sou eu, no melhor dos pais. Mas darei á luz a criança que a minha maternidade tem o dever de proteger. O filho tem direitos sobre a mãe. Será desprezível para todos menos para mim. Um crime não justifica outro crime.

—Crime? Que juiz te condenaria por te livrares de um execravel intruso?

—A minha consciencia e... o meu coração.

—Amoldição-te!

—A maldição do céu já caiu sobre mim. Nenhuma pôde ser mais pesada.

—Pois bem: morrerás aqui ao abandono, filha desnaturada. Tua mãe vae comigo.

—Farei o meu dever de mãe como Alice faz o seu. Também ela tem direitos sobre mim—acudiu a digna mulher estreitando a filha ao peito n'um apertado abraço e confundindo com as d'ela as suas lagrimas.

Armando apoiando-se ao braço de Ernesto Lamote pousou a mão sobre o hombro de Alice dizendo-lhe piedoso.

—Não chores, mulher. O teu filho será o meu. Fica com tua mãe que voltaremos ambos para te acudir no dia em que tivermos vingado a tua imerecida desonra. Nem os nossos filhos terão conhecimento d'esse crime abominavel que lhe deram um irmão com direito ao nosso lar e todos serão igualmente abençoados por teu pai cuja severidade abrandaremos um dia. Não ha planta ruim que não se modifique pela cultura. Esse intruso que se intrometeu na nossa existencia será um digno filho nosso, um bom cidadão, um homem de bem. Será essa uma nobre desforra.

E magnanimo, sublime, Armando pousou os labios de leve na fronte da esposa com a veneração com que oscularia uma imagem sagrada—bem sagrada era ela pelo augusto infortunio da sua maternidade e—e afastou-se com Ernesto para a entrada das galerias.



Ernesto Lamote e Armando Langres batiam-se no Yser como heroes junto dos aliados ao tempo em que Alice abraçada a sua mãe na solidão das minas desertas se estorcía nas primeiras dôres da parturição.

A RAINHA DA BELGICA

O sr. Carlos Ferreira, nosso agente comercial oficial em Bruxelas, acaba de realisar duas conferencias sobre a Belgica, antes e depois da guerra. As largas referencias da imprensa da capital confirmaram o valor d'um trabalho que tocou bem no sentimento do auditorio arrancando-lhe applausos delirantes — grande prova de simpatia e admiracao pelo heroico povo belga.

Publicamos, a seguir, o perfil da rainha dos belgas, traçado pelo illustre conferente:

Quando me lembro d'aquella hora triste de solenidade em que Izabel desceu a escadaria da Casa do Povo de Bruxelas sem força para esconder os soluços da emoção enroscada no seu intimo pelas aclamações espontaneas dos socialistas; quando me lembro d'aquella figurinha delicada como um «bibelot» de Sèvres e fragil como o cristal de Baccarat, desequilibrada, ao entrar na carruagem, pela exigencia impiedosa da febre maldita, quero dizer tudo quanto me vae na alma mas sinto logo a vidraça nos olhos, o cerebro encapelado e as idéas desnortheadas como a poesia que a rajada sacode, varre e aniquila.

Como é difficil falar d'uma rainha quando de rainha só tem o nome!

A partir d'aquelle dia, o povo ebrio de contentamento e fanatisado pelo exemplo da sua deusa, começou a chamar-lhe «a mãe dos soldados». Mas ha já muito tempo que as mães a mostravam aos filhinhos dizendo-lhes: é o anjo da guarda. E

as creancinhas irrequietas e risonhas, passaram que saltitam e chilreiam, ao avistal-a, balbuciavam então: «p'tite mère, v'là l'ange gardien!»

A filha dos archi-duques da Baviera senta-se no trono dos belgas com a grandeza da modestia. Da sua figura não irradia a requintada beleza das ninfas d'Azur mas surge a provocação para uma simpatia estranha e indescritivel. Os seus labios, confortando a miseria, tem mais cor e graciosidade que saudando a nobreza; as suas mãos são mais agéis se revolvem trapagens que se apalpm joias e antiguidades; os seus pés são menos tropegos quando percorrem os estabelecimentos de caridade e não quando esfarrapam as tapeçarias do palacio. Em convívio com os pequeninos, a sua fisionomia

perde a habitual expressão de tristeza; Ela, dir-se-ia, é mais feliz, respira bem e melhor.

A rainha dos belgas é o simbolo da dôr — o sofrimento por excelencia.

Das corôas de espinhos que dilaceraram os corações, a sua é a mais impiedosa no rasgar das feridas. Izabel atura todas as amarguras do calvario e mais uma: vê a propria raça, os filhos do mesmo torrão que lhe deu o berço, feitos algozes d'um povo todo seu e que estreme com o maximo culto da adoração. Uns e outros tritiram-se e esfacelam-se n'uma ancia sofrega de morte. E a pobresinha... cala as agonias, sufoca as dôres e cinge o peito e a fronte com as cruces de sangue não dizendo á humanidade: «Attentidite et videte si est dolor sicut dolor meus!»



A rainha da Belgica com o uniforme da Cruz Vermelha

Richepin chamou-lhe «brilhante de beleza mascula lapidado com o esmero da Arte»

Se assim é, quanto vale o quilate destas pedras humanas tão raras como as perolas immaculadas que nos deixam mirar no espelho do seu Oriente?

CARLOS FERREIRA

O sr. Carlos Ferreira





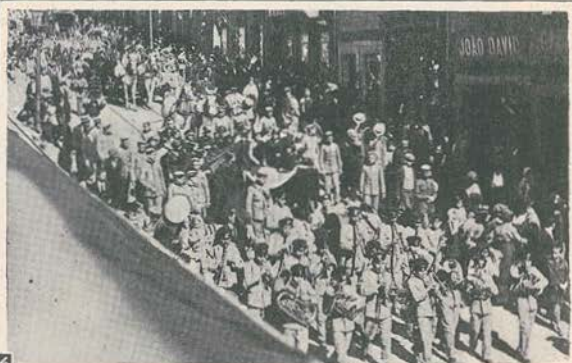
1 O sr. Levy Bensabat, escritor distinto e secretario particular do sr. Presidente da Republica

2 O sr. dr. Augusto Soares, ajudante do Procurador Geral da Republica e secretario geral da presidencia da Republica

3 O sr. dr. Adolfo Coutinho, magistrado distinto, novo director da policia de investigação criminal

Bandos precatórios

Para demonstrar a sua solidariedade com a revolução de 14 de maio e como manifestação de apreço por esse ato que contribuiu para que não se continuasse n'uma ditadura perigosa para o paiz, teem-se realisado em



muitas terras do paiz bandos precatórios a fim de recolher donativos para as victimas d'aquella revolução. É muitas somas consideraveis em dinheiro se teem conseguido para auxiliar os que denodadamente se bateram pela Patria.



3. No Porto.—Passagem do bando precatório a favor das victimas da Revolução, vendo-se doze socios da Liga pegando na bandeira onde recolhim os donativos—(Cliché do sr. Manuel Moreira da Silva, do Porto)—5. Em Lisboa.—Bando precatório organizado pela Sociedade de Instrução Militar na sua saída do Terreiro do Paço—(Cliché Benoitel).



O sr. Alfredo Pinto (Sacavem), ilustre crítico de arte, que n'um elegante livrinho publicou as suas impressões acerca da Sonata *Saudade*, do distinto compositor sr. Oscar da Silva

A SONATA

"SAUDADE"

Oscar da Silva



NOTAS IMPRESSIONISTAS

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



IMPRESSÕES DE SAUDADE, DE O. S. SACAVEM
EM UMA ÚNICA COLEÇÃO, 2.ª EDIÇÃO



A sr.ª D. Laurentina de Jesus, autora do recente livro *A vida da guerra*, no qual põe toda a sua alma de mulher protestando contra as barbaridades cometidas nos campos da batalha.



2. A capa do livro «A Sonata da Saudade», na qual se vê o retrato do sr. Oscar da Silva, seu autor.

4. O sr. Lulz J. Pinto, autor do livro de versos «Alyceiros». — 5. O sr. Antonio H. Martins, autor da peça em 3 atos «O Contágio».



O **barbudo Antonio Nobre.** — Antes de partir para o estrangeiro, a fim de concluir a sua educação artística, o sr. Antonio Nobre, que já se apresentou no teatro Avenida e no Eden Teatro, deu uma sessão de arte no Salão Central, no qual cantou trechos difficilimos de algumas operas conhecidas, perante numerosa assistencia que o aplaudiu.



O sr. Antonio Nobre



O sr. dr. Santos Farinha

Dr. Santos Farinha. — O ilustre prior de Santa Isabel, sacerdote dos mais venerados do clero de Lisboa, publicou uma interessante controversia acerca da *Origem da Vida*, do distinto publicista e professor da Escola Normal, sr. Tomaz da Fonseca, ao qual presta a sua homenagem e contradita em uma linguagem cortez e delicada.

D. Clementina Coelho Fortes Paes da Cunha — Na sala nobre da casa de Santar, do rico proprietário sr. dr. Joaquim Paes da Cunha, uma das figuras de mais destaque da Beira, pelo seu talento e illustração, e cujo nome tem logar distinto na nossa literatura, erigiu-se um busto de sua falecida esposa, a sr. D. Clementina Coelho Fortes Paes da Cunha, busto que é uma obra prima do nosso notavel escultor Simões d'Almeida Sobrinho. Essa homenagem á virtuosa senha, que na sociedade do seu tempo gosava da mais fervorosa admiração, foi-lhe prestada por seus filhos, os srs. Mario Fortes Paes da Cunha, engerheiro agronomo e offi-



A sr.ª D. Clementina Coelho Fortes Paes da Cunha

cial do exercito, dr. Antonio Alvaro da Cunha Fortes, actual delegado na comarca de Estremoz, D. Maria da Conceição Fortes Paes da Cunha Jardim e D. Isabel Maria Fortes Paes da Cunha Reis. E bem digna é deser perpetuada por este muneio a memoria de uma senhora que aliava a uma formosura peregrina e a um porte distintissimo, uma intelligencia extraordinaria e um espirito culto, a que não eram estranhos nas suas linhas principaes os varios ramos do saber humano, tendo conhecimentos especificos de muitos d'elles, causando admiração aos proprios medicos como ella era versada em medicina.

A canção do soldado e côro



O soldado

*Minha Mãe, jurei bandeiras,
Agora serei soldado.
Agora irei para a guerra
N'algun navio embarcado.*

*Apartado de quem amo,
Tinha de ser minha sorte
Não ter metade da alma
A' hora da minha morte.*

*Vou-me embora, digo adeus,
Mês despedidas as minhas...
As lagrimas serão muitas,
As palavras poucochinhas:*

*Adeus terra onde joguei
O jogo dos meus amores...
A quem me atirou pedrinhas
Só puae atirar com flores.*

*Adeus ó torre da igreja,
Lá pelo ar assubida,
Para ensinar o caminho
A' gente que anda perdida.*

(Do Auto do Fim do Dia)

*Adeus cipreste do adro
Com a rama pequenina,
Abrigo do Senhor Cura
Quando ensinava a doutrina.*

*Adeus ó fonte chorosa
Com seu carvalho enamorado,
Onde fui tomar amores
De que agora ando tomado.*

*Adeus Senhora da Guia,
Onde não hei de tornar.
Teus olhos me sejam guia
Nas terras d'alem do mar.*

*Senhora da Nazaré,
Ao pé do Vouga sagrado
Se lá não fôr para o ano
Ou sou morto, ou desterrado.*

Côro

*Triste soldado que vaes
Correr venturas na guerra,
Talvez tu não ouças mais
Os sinos da tua terra.*

O soldado (mais longe)

*Ai triste do que andar
For longe, cheio de magua,
Tendo fome do seu pão
E sêde da sua agua.*

*Ser fiel ao seu amor,
Fiel á sua bandeira,
Dois juramentos unidos,
Rosas da mesma roseira...*

Côro

*Se fores o porta-Bandeira,
Soldados que vaes á guerra,
Nem que te cortem os braços
Não na deixes ir a terra.*

O soldado

*Bandeira das Cinco Chagas,
Se Deus a visse no chão,
Viria do ceu á terra
Erguel-a por sua mão...*

Antonio Correia de Oliveira

O Velho Mundo em guerra

D'aqui a pouco, certamente, este titulo já não serve; talvez não demore mezes ou mesmo semanas que todo o mundo, o mundo inteiro, não esteja n'um brazeiro. As nações da Europa, que ainda não estão, já não o podem evitar. As do Oriente são fatalmente arrastadas pela intervenção da Italia; as do ocidente, como Portugal e Hespanha, por mais que resistam, hão de acabar por ser empurradas, como aquella sua irmã latina, pela onta je popular. A propria Holanda, a pacifica Holanda, só espera que a Alemanha ouse decretar a inextinguibilidade da Belgica para se lançar contra ella.

A quasi totalidade das colonias europeas na Africa, na Asia e até na Australia, se não tem guerra nos seus territorios, trazem já muita gente enrolada no conflito, e os estados independentes estão-se pronunciando por alianças e afinidades. Do Novo Mundo, a primeira a romper a república norte-americana.

O caso monstruoso do afundamento do «Lusitania», reforçado por outros, não de tanta extensão, mas de não menor

crueldade, transformou-se n'um «casus belli». Está imminente a ruptura de relações com a Alemanha, porque nem esta se penitencia dos seus crimes atrozes de pirataria, nem os Estados Unidos se satisfazem com umas explicações dadas mal e tardiamente.

Que abalo, que perturbação não causará no resto do mundo a entrada da America do Norte no conflito! E' uma conflagração mundial, unica na historia e que raros espiritos terão previsto como ella se vae desenhando.

Tantos seculos que a humanidade levou a reconstruir as ruinas de uma larga epoca de barbarie, tanto progresso pelas artes, pelas ciencias e pelas industrias, tanta preparação escolar para consolidar

esse progresso, essa civilização pacifica de que as edades modernas se orgulhavam, e, afinal, tudo era uma coisa no ar, insubsistente; porque, apenas acorda o primitivo instinto selvagem n'um povo, tudo se arraza e todos regressam á mesma barbarie!



O duque dos Abruzzos, chefe da marinha italiana

O almirante Viale, ministro da marinha italiana

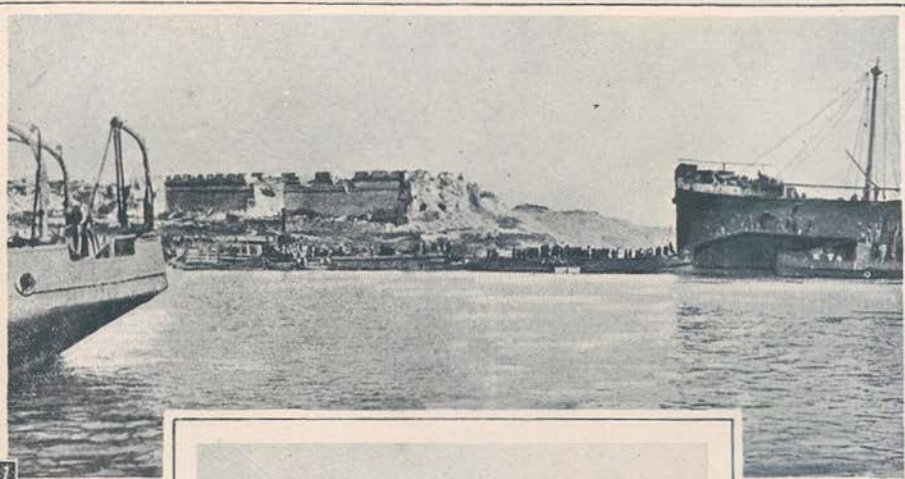


Os bersaglieri em marcha para a frente



EM COURGIVAUX (aldeia da região d'Esternay). — Os alemães, entrincheirados no cemitério da aldeia e protegidos pelos seus || muros, despejam constantemente sobre os aliados mortíferos projeteis; mas estes vencem o inimigo, desalojando-o e ocupando o cemitério.

(En Plein Feu, admiráveis Instantaneos da batalha do Marne, editados por M. Vermot, Paris).



Os Dardanelos

São já decorridas semanas de luta nas margens e nas águas do Estreito sem que os aliados chegassem ainda a Constantinopla. É a confirmação do que se dizia: desde muito tempo, mesmo antes de estalar a guerra, que os turcos sob a direção dos alemães se estavam preparando ativamente contra uma invasão por aquele lado.

Fez-se toda a espécie de obras rápidas de fortificação para retardar, senão para impedir, uma



marcha por terra; e nas margens do Estreito, fortins e baterias, que passavam por desmantelados, já tinham sido reparados e funcionavam com excelente material.

O avanço tem custado e não admira. Tem havido perdas apreciáveis de homens e de navios dos aliados; mas as perdas dos turcos e as ruínas que a artilharia naval dos ingleses e francezes vae fazendo nas fortificações das duas margens do Estreito são de importância muito superior.



1. Nos Dardanelos: O desembarque dos aliados deante das ruínas do forte de Seddul-Bahr — 2. O que resta de uma das grandes torres do velho castelo da Europa, na península de Gallipoli—3. Depois de um dia de batalha: As capsulas dos obuzes Ce 75 de uma bateria



Nos Carpathos.—Os austríacos retiram com imensas dificuldades a sua artilharia debaixo de uma chuva torrencial e do continuo fogo dos russos



Em Bois de la Cettigne.—Os alemães ocupavam o bosque a direita e à esquerda da estrada. Apesar dos seus obstáculos e do continuado fogo dos seus obuzes em todas as direcções, os soldados francezes, n'um arranco de força admiravel, caem sobre o inimigo, desalojando-o e causando-lhes imensos prejuizos.—(En Plein Feu).



EM HUIRON (aldeia distante de Vitry-Je-François 7 kilometros).—Esta aldeia foi completamente incendiada pelos barbaros. A igreja, que era um notavel monumento, ficou em um estado de devastação que não se descreve. Os soldados francezes entraram na aldeia debaixo de um fogo constante, conseguindo desalojar o inimigo.—(En Plein Feu).



COURDEMANGES (Aldeia a 7 kilometros de Vitry-le-François. — Foi teatro da mais encarniçada e feroz luta dos alemães.

As suas casas foram incendiadas e abatidas pelo bombardeamento e as ruas ficaram pejudadas de cadaveres.

(En Plein Feu).



Os bersaglieri ciclistas marchando através de uma montanha na fronteira italiana



Dragões Italianos



Os Intrepidos bersaglieri italianos

Os uniformes do exercito italiano, comquanto sejam dos mais simples, são dos que mais fazem sobressair a elegancia e a bela muscula-

tura do soldado. Esta simplicidade tem dado os melhores resultados em campanha.

A EXPLOSAO DE UM OBUZ



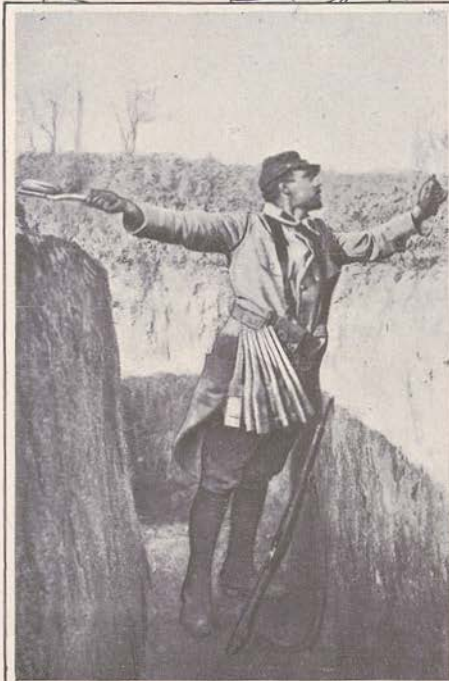
Um comboio de munições do exercito Inguez, atravessando um dos bosques de França que acabava de ser tomado aos alemães, foi surpreendido pela queda de um obuz atrado de longe pelo inimigo. Com o estrondo da explosão e a granizada da metralha foi difficil suster os animaes, mas conseguiram-no as mãos vigorosas d'aquelles homens combos, não tardando que o comboio se reorganissasse e puzesse em marcha.—(The Sphery).



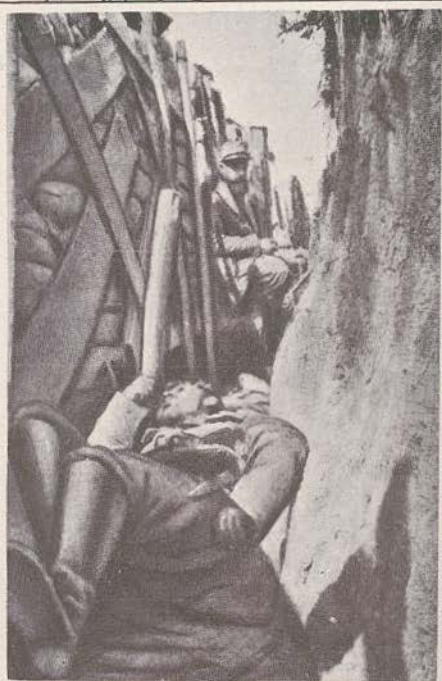
1. Um grande rombo produzido no tombadilho de um couraçado Inglês produzido pelo bombardeamento dos fortes turcos dos Dardanelos.
2. Um comboio de camelos a caminho de Gallipoli.—3. Bateria em posição na península de Gallipoli



Um posto avançado Inglês defende-se até à morte do ataque de uma patrulha alemã em numero muito superior de homens



Lançamento de uma raquette explosiva das trincheiras francesas para as alemãs



Uma trincheira alemã conquistada pelos franceses, vendo-se um soldado morto

Granadas de mão.— Cada dia se acentuam mais as vantagens das granadas de mão, de que se servem os ingleses e os franceses para atacarem as trincheiras inimigas. A certeza com que são arremessadas a grandes distancias e que desbançaria a de David, quando pastor, com a sua fun-

da, e os efeitos das explosões tem causado grandes baixas nos alemães e ruínas nas suas fortificações. Vingam-se então os soldados do kaiser em ripostar-lhes com bombas cheias de gazes asfixiantes, que estão sendo hoje a sua predileta arma de combate.



No caminho de Arrás para Bethune, nos arredores de Neuville, depois do ataque



Carro de prisioneiros alemães feridos chegando a Mont-Saint-Cloi



No Chateau de Mondement.—Depois de quatro assaltos heróicos, os soldados franceses conseguem tomar as posições dos alemães no castelo de Mondement. Esta pagina representa um quadro horrórico passado no Jardim, na ocasião em que os franceses ali entraram.—(En Plein Feu).



O kaiser e a sua família.—No primeiro plano da esquerda para a direita: Duque de Saxe-Meiningen, Princesa Henrique da Prússia, Príncipe Eitel-Frederico da Prússia, (morto em combate), a Kronprincess, os príncipes Augusto Guilherme, Oscar e Joaquim da Prússia.—No segundo plano, da esquerda para a direita: Príncipe Adolfo de Schaumburg-Lippe, Príncipe Waldmar da Prússia, Príncipe Henrique da Prússia,

Príncipe Frederico Carlos de Hesse, Duquesa Carlota de Saxe-Meiningen, Príncipe Adalberto da Prússia, Príncipe Frederico Carlos de Hesse, Princesa Vitória de Schaumburg-Lippe, Princesa Augusta Guilherme da Prússia, Princesa Eitel Frederico da Prússia, Duquesa de Brunswick e Duque de Brunswick.—No terceiro plano e em pé: O Imperador e a Imperatriz.



Os tres filhos e as noras do Kaiser.—Da esquerda para a direita: Princesa Augusto Guilherme da Prússia, Príncipe Eitel-Frederico da Prússia, (morto em combate), Princesa Eitel-Frederico da Prússia, a kronprinz e a Kronprincess e o Príncipe Augusto Guilherme da Prússia.



Comissão que foi ao Parlamento entregar as reclamações dos revolucionários civis, combatentes de 14 de maio.



O sr. Ricardo Fernandes Esteves, chefe dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que dirigiu todos os serviços de socorros durante a revolução.

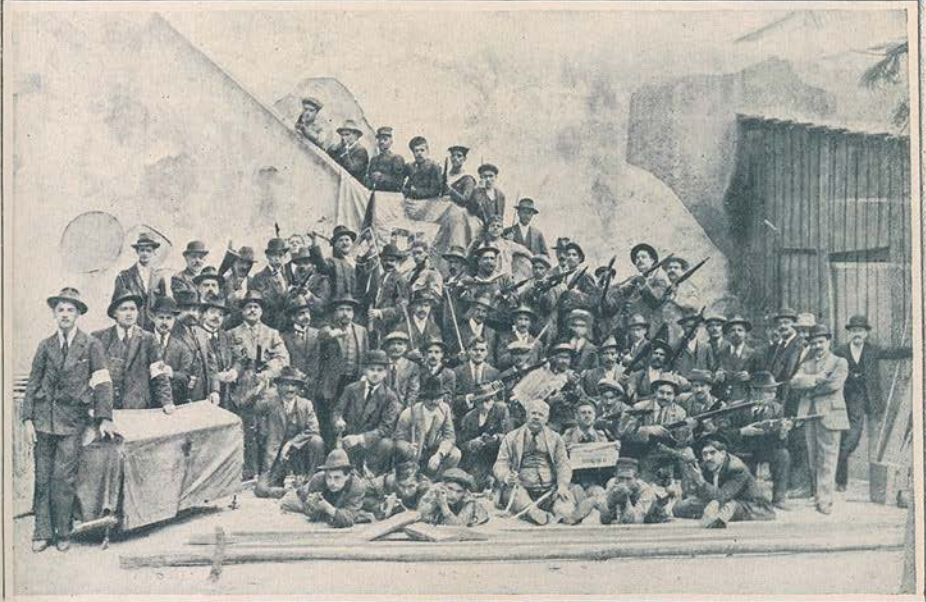
Continuam a chegar-nos fotografias que são verdadeiros documentos para a história do 14 de maio. Por elas se vê que os elementos civis e militares trabalharam em bom acordo para esse sucesso político contemporâneo, que tanto lustre veio dar às instituições republicanas por que o paiz se rege.



O sr. Manuel Alegria Vidal, primeiro aspirante dos correios e telegrafos que foi para Vila Franca de Xira em serviço da Junta Revolucionária.



O sr. José Augusto do Rosario, primeiro aspirante telegrafo-postal, que foi para o Lazareto em comissão da mesma Junta.



Grupo revolucionario do Centro Eleitoral dos Defensores da Republica e Centro Tomaz CaBreira



1

Posto de socorros militares, instalado no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, na Rua das Flores, com os alferes médicos srs. Luaces e Meneses.



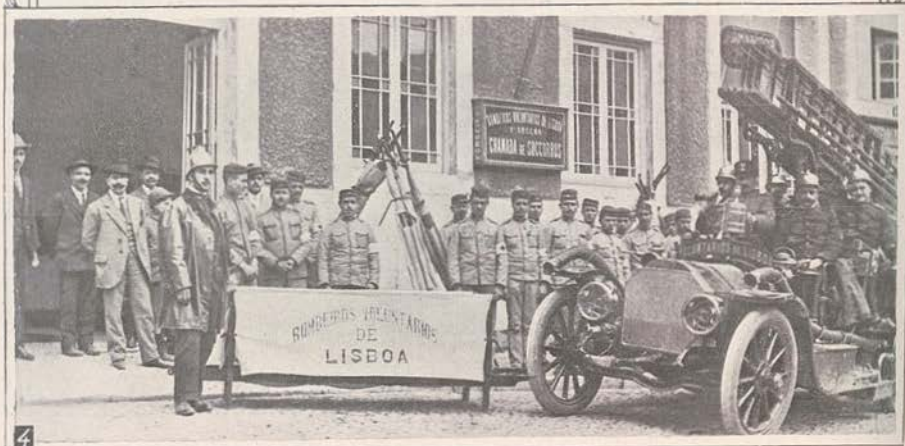
2

Alguns bombeiros voluntários de Lisboa, que durante o período revolucionário prestaram serviço em incêndios e no transporte de feridos.



3

Chegada ao cemitério do Alto de S. João do funeral do capitão de mar e guerra sr. Nunes da Silva, ferido a bordo do *Amirante Reis*, que comandava na manhã de 14 de maio. — (Cliché Benoitte).



4

Pessoal de saúde e o automóvel dos Voluntários de Lisboa que prestou grandes serviços no transporte de feridos nos dias da revolução.



Grupo de civis e praças da guarda republicana que tomaram parte no movimento revolucionário—(Clichê do telegrafista sr. Vaz).

Não foi só nas cidades que no dia 14 de maio o amor patrio levou muitos portugueses a empunhar as armas



para defenderem a República; também em muitas vilas o mesmo sucedeu, salientando-se as de Almada e Vila Velha de Rodam, onde os civis praticaram atos de valor.

As paginas da Historia teem que registar os atos de bravura praticados em todo o paiz; a «Ilustração Portuguesa» fornece aos historiadores os quadros mais vividos da Revolução, sobre os quaes esses escriptores poderão, com toda a verdade, apreciar o que foi aquella data gloriosa para a vida da nossa nacionalidade, que uma ditadura irrefletida tentará lançar n'um profundo abismo.



2. **Em Vila Velha de Rodam:**—Cortejo funebre do alferes de artilharia sr. Carlos de Figueiredo Pinto, morto em Almada e trasladado para aquella vila, a caminho do cemiterio — (Clichê do fotografo sr. João da Silva Marques)—3. Revolucionarios civis e militares no Arsenal de Marinhã—(Clichê do fotografo amador sr. Carlos Mergulhão)



Grupo do pessoal das ambulancias da Cruz Vermelha e do Posto de Socorros do Terreiro do Paço que no mesmo posto prestou servicos nos dias da revoluçao de maio.



Grupo do pessoal dos Bombeiros Voluntarios. Lisonenses que tao relevantes servicos prestou durante a revoluçao no segundo Posto de Socorros da Benemerita Cruz Vermelha Portuguesa.

Um sarau de arte no Salão da "Ilustração Portuguesa"



1. O professor sr. Marcos Garin — 2. Mademoiselle Etelevina de Carvalho — 3. Mademoiselle Maria de Lourdes Botelho — 4. Mademoiselle Irene Silva — 5. Mademoiselle Maria Luiza de Azevedo — 6. Mademoiselle Hda Carneiro — 7. Mademoiselle

Mariana Monteiro — 8. Mademoiselle Nubla Anedda — 9. Mademoiselle Maria Arcangela Bento — 10. Mademoiselle Gertrudes Cartaxo — 11. Mademoiselle Maria de Jesus Figueiredo — 12. Mademoiselle Aurora Cavaco — 13. Mademoiselle Maria A. Amorim

O distinto professor de piano sr. Marcos Garin, plenamente consagrado no ensino oficial e no ensino particular, realizou a apresentação anual dos seus alunos no salão da «Ilustração Portuguesa» n'uma deliciosíssima festa de arte, que os assistentes sublinharam com entusiasticos aplausos. E foram mercedisimos esses aplausos não só ao exímio professor, cujo metodo de ensino tem o cunho da sua grande individualidade artistica, como aos seus alunos que execu-



taram peças de concerto dificeis, notando-se em todos elles o des-
envolvimento do sentimento da arte, base essencial dos seus progressos musicaes, que sobremaneira honram o notavel professor, pondo em destaque as suas qualidades profissionais. Os aplausos recebidos devem perdurar no espirito dos executantes e incital-os na continuação satisfatoria da sua carreira, dando assim provas do muito que conseguiram da sua aprendizagem com um professor tão conhecedor do seu mister.



14. Mademoiselle Evangelista Cardoso Teixeira — 15. Mademoiselle Maria Eduarda de Oliveira — 16. Mademoiselle Cecília Borba da Costa — 17. Mademoiselle Maria Luiza Garin — 18. Mademoiselle Maria Helena Cid — 19. Mademoiselle Joana Martins

Helena — 20. Mademoiselle Maria Cartaxo — 21. O sr. Eurico Figueiredo — 22. O sr. Antonio de Lima Fragoso — 23. O sr. Lourenço Varela Cid Junior — 24. O sr. Julio Almeida.

Visita do sr. Presidente da Republica á Exposição das Belas Artes

O sr. dr. Teofilo Braga, novo presidente da Republica Portuguesa, visitou a Exposição de Belas Artes, no palacio

da rua Barata Salgueiro da Sociedade Nacional. Era acompanhado pelos srs. drs. José de Castro presidente do ministerio, e Magalhães Lima, ministro da instrução.

O chefe da Nação analysou atentamente os quadros e esculturas que mais o emocionaram, tendo a proposito de muitos d'elles palavras de louvor para os seus autores que tanto vão

engrandecendo a arte em Portugal. Algumas obras mereceram referencias espirituosas de s. ex.^a, entre as quaes «A

M e - r e n - da» e «Vale de Colares» de Carlos Reis, e o cão da «Lição de Leitura», de Alves Cardoso.

Deante de um belo retrato de senhora, o sr. dr. Teofilo Braga disse, entusiasmando-se: «Se o original fosse mais bonito, seria um modelo completo; seria uma Gioconda». Depois, ao passar por outro retrato de senhora tambem, notan-



Encanto! quadro de Veioso Salgado



O sr. dr. Teofilo Braga, o presidente do ministerio, sr. dr. José de Castro e ministro de instrução, o sr. dr. Magalhães Lima, visitando a Exposição das Belas Artes

(Cliché Benolle).



Acendendo o cigarro, quadro de José Malhão



Retrato do sr. Alberto Teles, quadro de José Malhão
(clichês do sr. Luiz d'Assunção).

do-lhe a delicadeza das mãos, disse: «N'este, o modelo está á altura do merito do artista».

Tambem se deteve ante o «Jogador do disco», de José Neto, achando-o digno de figurar n'um dos nossos jardins publicos.

O sr. presidente da Republica á saida felicitou os membros da Socie-

dade Nacional de Belas Artes e prometeu voltar ali para mais detalhadamente visitar a exposiçào, que tem sido muito concorrida, tendo-se vendido muit s quadros, sendo provavel que se vendam muitos mais, atendendo a excelentes obras de mestre que ainda se admiram, sem a etiqueta de estarem vendidos.



Mendigo, aguarela de Antonio Quaresma



Concerto impossível, quadro a oleo de Artur Prat



1. *Portaria típica* (Oliveira d'Azeméis), aguarela de João Marques, adquirida pelo Estado para o Museu de Arte Contemporânea
 2. *Contente*, busto do escultor sr. Julio Vaz Junior—3. *Últimos momentos* escultura do sr. Artur Prat — 4. *Um nuco*, estatueta, do sr. Julio Vaz Junior—5. *Garoto rindo*, escultura, do sr. Severo Porteira, filho—6. *Fonte da Pipa*, aguarela, do sr. Alvaro Fonseca, adquirida pelo Estado para o Museu de Arte Contemporânea.

O SENHOR DE MATOSINHOS



porte, incluindo as «gericadas», deixam ali milhares de pessoas que se entretem bebendo, comendo, dançando, em suma, gosando a vida no que, no seu entender, ela tem de aprazível e belo. Nesta romaria consomem-se alguns milhares de almudes de vinho e o santuário do Senhor de Matosinhos costuma receber algumas arrobas de cera de «promessas», fóra o dinheiro que enche as caixas colocadas na igreja.

Merendando no pinhal

A romaria do Senhor de Matosinhos, que se realiza nas proximidades do Porto, em local situado pouco distante do mar e embrenhado em uma pitoresca mata, é uma das mais concorridas do Norte. Os seus folguedos duram tres dias, durante os quaes os comboios, electricos, automoveis, carruagens, emfim, todos os meios de trans-



2



3

2. Vista da igreja com os balões para a iluminação—3. Um baile em pleno campo.
(Clichs do fotografo sr. João L. Carreira, do Porto)

TEATROS

A época teatral regular pode considerar-se, em todos os teatros de Lisboa, finda. Apenas o Teatro Apolo continua com êxito a revista *Rosa Tirana*, cuja 100.^a ha dias foi celebrada e que o ator Joaquim Costa, n'uma excelente caricatura de policia amator, foi remoçar e alegrar. De resto, todos os outros teatros fechados ou preparando-se para iniciar, em diversos generos, as suas temporadas de verão.

Antes de cerrar as suas portas, o Teatro Nacional deu-nos, em recita unica e em beneficio da subscrição d'*O Seculo*, a favor dos nossos soldados em operações no sul d'Angola, a representação da linda *Morgadinha de Val-Fior*, com o atrativo do insigne ator Alvaro no papel de *Luiz Fernandes*. Foi uma noite memoravel essa em que a velha peça voltou a florir a mocidade dos seus antigos dias de paixão e romantismo.

A companhia do Eden Teatro, antes de seguir para o Brazil, celebrou n'uma festa de alegria e entusiasmo, a figura audaciosa, inteligentissima, do seu emprezario Luiz Galhardo—e, entre outros numeros, proporcionou-nos um graciosissimo arranjo de Pereira Coelho e Alberto Barbosa, de varios numeros do *31*, do *O' da Guarda*, do *Sol e do*, e *Ceu Azul*. Luiz Galhardo foi muito festejado, como era de justiça, muito aplaudido—e lá vae agora a caminho do Rio de Janeiro, com o seu soberbo *panna-che'* á d'Artagnan, a sua boa estrela e a sr.^a D. Palmira Bastos, sua illustre contratada.

O Polyteama esse, fechou—e abriu. Abriu para a sua época estival com *O Alferes da Flauta*, tradução excelente de Gustavo Sequeira, camarada illustre, sobre tantos aspetos. A peça é uma tarça militar um pouco mais para creanças do que seria para desejar. Mas tem graça e diverte mesmo os adultos—e do seu proprio absurdo tira um certo pitoresco de situações e de figuras.



O sr. Alfredo Guimarães, autor da linda peça n'um ato *Passoa Florida*, ultimamente representada no Teatro Nacional.



Isaura Silva, que ha dias se estrelou no Porto, como artista, na revista *Verdades e Mentiras*

Resta ainda referir, a recita da Escola de Arte de Representar, realisada em 5 do corrente, no Teatro Nacional—e que resuscitou *O Dr. Savina*, fez a *reprise* da *Primeira Nuvem* do falecido e illustre escritor Conde de Arnoso e nos deu a *première* d'um ato d'*O Berço* peça intensa do Dr. Hypolito Raposo.

Duas figuras femininas marcaram um logar distinto n'estas provas dos alunos do nosso Conservatorio Dramatico: as discipulas Luiza Lopes e Celeste Leitão. Ha tambem a registar as aptidões do aluno Vital dos Santos e o estudo de Fernando Osorio.

E disse.

A. de C.



O sr. Luiz Galhardo